

Tradução de Ana Beatriz Manso

DOUGLAS PRESTON

O CODEX MAIA



Tom Broadbent fez a última curva da estrada sinuosa e encontrou os seus dois irmãos já à espera nos grandes portões de ferro do complexo de Broadbent. Philip, irritado, estava a bater na coiceira do portão para limpar a berra do seu cachimbo, enquanto Vernon tocava vigorosamente à campainha. A casa estava defronte deles, silenciosa e escura, erguida no topo da colina como um palácio de um qualquer paxá, com os seus clerestórios, chaminés e torres a brilhar com a rica luz da tarde de Santa Fé, Novo México.

– Nem parece do pai, chegar atrasado – disse Philip. Fez deslizar o cachimbo por entre os seus dentes brancos e cerrou-os no tubo com um pequeno clique. Deu, ele próprio, uma pancada na campainha, e olhou para o relógio, exibindo os botões de punho. Philip estava na mesma, pensou Tom: cachimbo em urze, olhar sardónico, rosto bem barbeado e tonificado, cabelo penteado para trás da testa alta, relógio de ouro a reluzir no pulso, vestido com calças de estambre cinzentas e casaco à marinheiro. O seu sotaque inglês parecia estar um pouco mais afectado. Por outro lado, Vernon, com as suas calças de gaúcho, sandálias, cabelo comprido e barba crescida, parecia-se perturbadoramente com Jesus Cristo.

– Ele está a fazer um dos seus jogos connosco – disse Vernon, dando mais umas palmadas na campainha. O vento assobiava por entre os pinheiros, trazendo com ele um aroma a resina quente e pó. A grande casa estava em silêncio.

O cheiro do tabaco caro de Philip deambulava pelo ar. Ele virou-se para Tom. – E como vão as coisas, Tom, aqui no meio dos índios?

- Bem.
- Fico contente por saber.
- E contigo?
- Maravilhosas. Não podia estar melhor.
- Vernon? – perguntou Tom.
- Está tudo bem. Tudo ótimo.

A conversa estagnou e eles olharam em redor uns para os outros, e depois desviaram o olhar, constrangidos. Tom nunca tivera muito a dizer aos seus irmãos. Um corvo passou a crocitar por cima das suas cabeças. Instalou-se um silêncio desconfortável no grupo reunido ao portão. Passado um longo momento, Philip deu uma nova série de palmadas à campainha e perscrutou através do ferro forjado, agarrado às grades. – O carro dele ainda está na garagem. A campainha deve estar avariada. – Gritou para o ar. – Ó da casa! Pai! Ó da casa! Os teus dedicados filhos estão aqui!

Ouviu-se um som rangente quando o portão se abriu ligeiramente com o seu peso.

– O portão está destrancado – disse Philip com surpresa. – Ele *nunca* deixa o portão destrancado.

– Ele está lá dentro à nossa espera – disse Vernon. – É só isso.

Encostaram os ombros ao pesado portão e balançaram-no para abrir, sob o protesto das dobradiças. Vernon e Philip regressaram aos seus carros e estacionaram-nos lá dentro, enquanto Tom entrava a pé. Ficou cara a cara com a casa – o lar da sua infância. Quantos anos desde a sua última visita? Três? O adulto a regressar ao cenário da sua infância encheu-o de sensações estranhas e conflituosas. Era um complexo de Santa Fé no sentido grandioso da palavra. A entrada de gravilha estendia-se em semicírculo depois de passar por um maciço par de portas seiscentistas de vestíbulo, atravessadas por tábuas de algaroba cortadas à mão. A casa em si era uma estrutura em adobe rasteira, com paredes curvas, contrafortes esculpidos, vigas, ripas, nichos, portais, chaminés verdadeiras – uma obra de arte escultural, só por si. Estava cercada por choupos e um relvado verde-esmeralda. Situada no cimo de uma colina, tinha uma vista abrangente sobre as montanhas e o deserto, as luzes da cidade e os cúmulos de trovoadas de Verão que se erguiam sobre as Jemez Mountains. A casa não tinha mudado, mas parecia diferente. Tom pensou que talvez fosse ele que estava diferente.

Uma das portas da garagem estava aberta, e Tom viu o Mercedes Ge-laendewagen verde do seu pai estacionado à entrada. As outras duas divisórias estavam fechadas. Ouvia os carros dos seus irmãos a chegar, esmigalhando o pavimento, e a parar no portal. As portas bateram e eles juntaram-se a Tom em frente da casa.

Foi então que uma sensação de preocupação começou a formar-se no fundo do estômago de Tom.

– De que é que estamos à espera? – perguntou Philip, subindo pelo portal e passando a passos largos pelas portas do vestíbulo, tocando várias vezes à campainha com firmeza. Seguiram-se-lhe Vernon e Tom.

Não se ouvia nada a não ser silêncio.

Philip, sempre impaciente, deu uma palmada final à campainha. Tom conseguia ouvir os sinos intensos a disparar dentro de casa. Pareciam os primeiros compassos de *Mame*, o que, pensou ele, seria típico do sentido de humor irónico do pai.

– Ó da casa! – gritou Philip, com as mãos em concha.

Ainda nada.

– Achas que ele está bem? – perguntou Tom. A sensação de desconforto estava a ficar mais forte.

– É claro que ele está bem – disse Philip mal-humorado. – Isto é só mais um dos jogos dele. – Deu um murro de punho fechado na grande porta mexicana, fazendo-a ressoar e abanar.

Quando Tom olhou em volta, viu que o jardim estava com um ar descuidado, com a relva por cortar e novas ervas daninhas a despontar dos canteiros das túlipas.

– Vou espreitar pela janela – disse Tom.

Forçou a entrada através de uma sebe de chamiça aparada, pôs-se em bicos de pés sobre um canteiro de flores e espreitou pela janela da sala de estar. Algo estava muito errado, mas demorou algum tempo a perceber o que era. A sala parecia normal: os mesmos sofás e cadeirões de cabedal, a mesma lareira de pedra, a mesma mesa de centro. Mas por cima da lareira existira um grande quadro – não se conseguia lembrar de qual – e agora ele não estava lá. Deu cabo da cabeça a pensar. Seria o Braque ou o Monet? Depois, reparou que a estátua romana de bronze de um rapaz, que era o centro das atenções do lado esquerdo da lareira, também tinha desaparecido. As prateleiras revelavam buracos de livros que haviam sido retirados. A sala tinha um ar desarrumado. Do outro lado da porta que dava para o átrio, pôde ver lixo no chão, alguns papéis amarrotados, uma tira de revestimento plástico com bolha de ar e um rolo de fita adesiva abandonado.

– O que é que se passa, Sr. Doutor? – A voz de Philip chegou a flutuar do canto da casa.

– É melhor dares uma vista de olhos.

Philip escolheu o caminho através dos arbustos com os seus sapatos Ferragamo, com um olhar de aborrecimento estampado na cara. Seguiu-se Vernon.

Philip espreitou pela janela e falou com voz ofegante. – O Lippi – dis-

se ele. – Por cima do sofá. O Lippi desapareceu! E o Braque, por cima da lareira! Ele tirou-os todos. Vendeu-os!

Vernon falou. – Philip, não te entusiasmes. Provavelmente, só empacotou as coisas. Se calhar vai mudar de casa. Há anos que lhe dizes que esta casa é demasiado grande e isolada.

O rosto de Philip descontraiu abruptamente. – Sim. É claro.

– Esta reunião misteriosa deve ser por causa disso – disse Vernon.

Philip concordou e limpou a testa com um lenço de seda. – Eu devo estar cansado do voo. Vernon, tens razão. É claro que estiveram a empacotar. Mas fizeram uma grande porcaria. Quando o pai vir isto, vai dar-lhe uma coisa má.

Fez-se silêncio enquanto os três filhos se mantiveram nos arbustos a olhar uns para os outros. A sensação de desconforto de Tom tinha chegado a um pico. Se o pai estava a mudar-se, aquela era uma maneira estranha de o fazer.

Philip tirou o cachimbo da boca. – O que é que dizem, acham que é mais um dos pequenos desafios dele para nós? Algum quebra-cabeças?

– Vou arrombar a casa – disse Tom.

– O alarme.

– Que se dane o alarme.

Tom deu a volta até às traseiras da casa, com os irmãos atrás dele. Trepou um muro e saltou para um pequeno jardim interior com uma fonte. Havia uma janela de um quarto ao nível do olhar. Tom arrancou uma pedra da alta vedação de canteiros. Levou-a até à janela, pôs-se em posição e levantou-a à altura do ombro.

– Vais mesmo estilhaçar a janela? – disse Philip. – Que desportivismo.

Tom arremessou a pedra, que atravessou a janela, partindo-a. Enquanto se manteve o tinido dos vidros, eles esperaram, à escuta.

Silêncio.

– Não há alarme.

Tom abanou a cabeça. – Não estou a gostar disto.

Philip olhou fixamente pela janela partida, e Tom viu-lhe um pensamento repentino a despontar no rosto. Philip praguejou e, de repente, já tinha saltado pelo caixilho partido da janela – de sapatos, cachimbo e tudo.

Vernon olhou para Tom. – O que é que ele tem?

Sem responder, Tom trepou pela janela. Vernon foi atrás dele.

O quarto estava como o resto da casa – despojado de toda a arte. Estava uma balbúrdia: pegadas sujas na carpete, lixo, tiras de fita adesiva, revestimento plástico com bolha de ar e esferovite, bem como pregos e lascas de madeira. Tom foi até ao hall. A vista revelava mais paredes vazias onde

ele recordava um Picasso, outro Braque e um par de colunas maias. Tinha desaparecido tudo.

Com uma sensação crescente de pânico, aventurou-se hall abaixo, parando no arco que dava para a sala de estar. Philip estava lá, especado no meio da sala, a olhar em volta, com o rosto absolutamente branco. – Eu fartei-me de lhe dizer que isto ia acontecer. Era um descuido tão grande manter estas coisas todas aqui. Uma porra de um descuido tão grande.

– O que foi? – gritou Vernon, alarmado. – O que é que se passa, Philip? O que é que aconteceu?

Philip disse, com um tom de voz agoniado, pouco mais alto do que um sussurro: – Fomos assaltados!

2

O tenente-detective Hutch Barnaby, da Polícia de Santa Fé, pousou a mão no peito ossudo e atirou-se para trás na cadeira. Levou à boca uma chávena de café Starbucks, a décima do dia. O aroma do amargo café torrado enchia o seu nariz arqueado enquanto olhava pela janela para o choupo solitário. Um belo dia de Primavera em Santa Fé, Novo México, Estados Unidos da América, pensava ele, enquanto cruzava mais as longas pernas na cadeira. 15 de Abril. Os idos de Abril. Dia de reembolso fiscal. Estava toda a gente em casa a contar o dinheiro, caindo na realidade dos pensamentos de mortalidade e penúria. Até os criminosos tinham tirado o dia de folga.

Sorveu o café com uma enorme sensação de satisfação. À parte a ténue campainha de um telefone no gabinete do lado de fora, a vida corria bem.

No limite da consciência, ouviu a voz competente de Doreen a atender o telefone. As suas vogais nítidas flutuaram através da porta aberta: «Espere, peço desculpa, pode falar um pouco mais devagar? Vou passá-lo ao sargento...»

Barnaby abafou a conversa com um ruidoso trago de café e estendeu o pé até à porta do gabinete, fechando-a com um pequeno empurrão. O abençoado silêncio regressara. Esperou. E então chegou: o bater na porta.

Maldito telefonema.

Barnaby pousou o café na secretária e ergueu-se devagar da sua posição descontraída. – Sim?

O sargento Harry Fenton abriu a porta, com um ar entusiasmado. Fenton nunca foi de gostar de um dia lento. O ar dele foi suficiente para dizer a Barnaby que tinha acontecido alguma coisa importante.

– Hutch?

– Hmmm?

Fenton prosseguiu, arquejante. – A casa dos Broadbent foi assaltada. Estive agora com um dos filhos ao telefone.

Hutch Barnaby não mexeu um músculo. – O que é que roubaram?

– *Tudo*. – Os olhos negros de Fenton brilhavam de gáudio.

Barnaby sorveu o café, voltou a sorver, e depois baixou a cadeira até ao chão com um pequeno baque. *Bolas*.

Enquanto Barnaby e Fenton seguiam pelo Velho Trilho de Santa Fé, Fenton falou sobre o assalto. Ouvira dizer que a colecção valia quinhentos milhões. Se isso estivesse perto da verdade, disse Fenton, faria a primeira página do *New York Times*. Ele, Fenton, na primeira página do *Times*. Conseguem imaginar?

Barnaby não conseguia imaginar. Mas não disse nada. Estava habituado aos entusiasmos de Fenton. Parou no final da estrada sinuosa que ia dar ao monte dos Broadbent. Fenton saiu do outro lado, com o rosto iluminado pela expectativa, a cabeça erguida e o enorme nariz pontiagudo a tomar a dianteira. À medida que subiam a estrada, Hutch examinava o chão. Conseguiu ver os trilhos indistintos de um semi-reboque, numa direcção e na outra. Não tinham feito cerimónias para entrar. Portanto, ou Broadbent estava fora ou eles tinham-no matado – a última hipótese era mais provável. Provavelmente encontrariam o cadáver de Broadbent dentro de casa.

A estrada fazia uma curva e depois endireitava, deixando à vista dois portões abertos que guardavam uma mansão de adobe desordenada, posicionada no meio de um vasto relvado salpicado de choupos. Ele parou para examinar o portão. Era um portão mecânico com dois motores. Não exibia quaisquer sinais de arrombamento, mas a caixa eléctrica estava aberta e lá dentro havia uma chave. Ajoelhou-se e examinou-a. A chave estava numa fechadura que tinha sido rodada para desactivar o portão.

Virou-se para Fenton. – O que é que achas disto?

– Conduziram um semi-reboque até aqui acima, tinham uma chave do portão – estes tipos eram profissionais. Sabes que provavelmente vamos encontrar o cadáver de Broadbent dentro de casa.

– É por isso que gosto de ti, Fenton. És o meu segundo cérebro.

Ouviu um grito, olhou para cima e viu três homens a atravessar o relvado na sua direcção. Os miúdos, a passarem mesmo por cima do relvado.

Barnaby ergueu-se em fúria. – Valha-me Deus! Não sabem que isto é uma cena do crime?

Os outros pararam, mas a personagem principal, um homem alto de fato, continuou a andar. – E quem serão vocês? – A sua voz era fria, severa.

– Sou o tenente-detective Hutchinson Barnaby – disse ele – e o sargento Harry Fenton. Polícia de Santa Fé.

Fenton lançou-lhes um sorriso rápido que fez pouco mais do que mostrar os dentes.

– Vocês são os filhos?

– Somos, sim – disse o enfatado.

Fenton voltou a contorcer os lábios com um ar feroz.

Barnaby fez uma pausa para olhar para eles como potenciais suspeitos. O *hippy* vestido de cânhamo tinha uma cara honesta e franca; talvez não fosse o mais brilhante de todos, mas não era nenhum ladrão. O das botas de *cowboy* tinha merda de cavalo verdadeira nas botas, reparou Barnaby com respeito. E depois havia o tipo de fato, que parecia ser de Nova Iorque. Na opinião de Hutch Barnaby, qualquer pessoa de Nova Iorque era um potencial assassino. Até mesmo as avós. Voltou a examiná-los: não se podia imaginar três irmãos mais diferentes. Era estranho como aquilo podia acontecer numa só família.

– Isto é uma cena do crime, portanto, vou ter de pedir aos cavalheiros que abandonem o local. Saíam pelo portão e vão para debaixo de uma árvore ou outra coisa qualquer e esperem por mim. Daqui a cerca de vinte minutos, saio para falar convosco. Pode ser? Por favor, não andem a vaguear por aí, não toquem em nada e não falem uns com os outros sobre o crime ou aquilo que viram.

Virou-se, e depois, pensando melhor, voltou atrás. – Desapareceu a colecção *inteira*?

– Foi o que eu disse ao telefone – disse o enfatado.

– Quanto é que valia – mais ou menos?

– Cerca de quinhentos milhões.

Barnaby tocou na aba do chapéu e olhou para Fenton. O ar indistinto de prazer no rosto de Fenton era suficiente para assustar um chulo.

Enquanto Barnaby se dirigia à casa, considerou que era melhor ter cuidado – ia haver muitas segundas opiniões neste caso. Os agentes federais, a Interpol, sabe Deus quem mais seria envolvido. Calculou que seria adequado dar uma rápida vista de olhos antes de chegar o pessoal do laboratório criminal. Prendeu os polegares ao cinto e mirou a casa. Será que a colecção estava no seguro? Isso exigiria alguma investigação. Se assim fosse, talvez Maxwell Broadbent não estivesse assim tão morto, afinal de contas. Se calhar, Maxwell Broadbent estava a bebericar margaritas com uma boa zona qualquer numa praia em Phuket.

– Será que Broadbent tinha seguro? – perguntou Fenton.

Hutch sorriu ao seu colega, depois tornou a olhar para a casa. Olhou para a janela partida, para a confusão de pegadas na gravilha, para os arbustos espezinhadados. As marcas frescas eram dos filhos, mas também ali havia muitos vestígios mais antigos. Conseguia ver onde ti-

nha sido estacionada a carrinha das mudanças, e onde esta tinha laboriosamente dado a volta. Parecia que tinha passado uma semana ou duas desde o assalto.

O importante era encontrar o corpo – se é que havia um. Entrou dentro de casa. Olhou para a fita adesiva, o revestimento plástico com bolha de ar, os pregos, os pedaços de madeira abandonados. Havia serradura no tapete e ligeiros abatimentos no chão. Eles tinham mesmo montado uma serra de mesa. Tinha sido um trabalho excepcionalmente competente. E barulhento também. Esta gente não só sabia o que estava a fazer, como tinha demorado o seu tempo a fazê-lo bem. Cheirou o ar. Não havia o cheiro de porco agriço a cadáver.

No interior, o assalto parecia ser tão antigo como lá fora. Uma semana, talvez mesmo duas. Dobrou-se e cheirou a aresta de um pedaço de madeira cortada que estava no chão. Faltava-lhe aquele cheiro de madeira acabada de cortar. Apanhou um bocado de relva que tinha sido trazida para dentro de casa e esfarelou-a entre os dedos – seca. Pedaços de lama trazidos para dentro por uma bota que se arrastava também estavam completamente secos. Barnaby lembrou-se: faz hoje duas semanas desde a última chuva. Foi nessa altura que aconteceu; nas vinte e quatro horas em que houve chuva, quando o solo ainda estava lamacento.

Deambulou pelo enorme hall central abobadado. Havia pedestais com etiquetas de bronze no sítio onde em tempos houvera estátuas. Havia ténues rectângulos com ganchos nas paredes rebocadas onde em tempos tinham estado quadros. Havia argolas de palha e suportes de ferro onde tinham repousado em tempos painéis antigas, e prateleiras vazias com buracos de pó onde em tempos tinham estado tesouros. Havia ranhuras escuras nas prateleiras de onde tinham sido retirados livros.

Chegou à porta do quarto e olhou para o desfile de pegadas sujas numa e noutra direcção. Mais lama seca. Credo, eles deviam ser uma meia dúzia. Era um grande trabalho de mudanças, e deve ter demorado pelo menos um dia, talvez dois.

Estava uma máquina dentro do quarto. Barnaby reconheceu-a como sendo uma máquina de condicionamento, do tipo das que se vê na UPS. Noutro quarto, encontrou uma máquina de embalagem em vácuo, para fazer o trabalho realmente importante. Encontrou pilhas de madeira, rolos de feltro, fita adesiva metalizada, parafusos e porcas e duas serras circulares. Equipamento abandonado no valor de um par de milhares de dólares. Não se deram ao trabalho de levar mais nada; na sala de estar, deixaram uma televisão de dez mil dólares, bem como um gravador de vídeo, um leitor de DVD e dois computadores. Ele pensou na porcaria da televisão e vídeo que ele próprio tinha e nas prestações que ainda estava a pagar, enquanto a sua

mulher e o novo namorado dela os usavam para ver filmes porno todas as noites, sem dúvida.

Passou cuidadosamente por cima de uma cassete de vídeo deixada no chão. Fenton disse: – Aposto três para cinco em como o gajo está morto, e dois para cinco em como é um esquema para receber o seguro.

– Tu tiras a piada toda à vida, Fenton.

Alguém deve ter visto a actividade aqui em cima. A casa, situada no topo da montanha, era visível de toda a Santa Fé. Se ele próprio se tivesse dado ao trabalho de olhar pela janela da sua casa pré-fabricada no vale, há duas semanas, poderia ter visto o assalto, a casa iluminada toda a noite, os faróis da carrinha a descer a colina. Mais uma vez, maravilhou-se com a perícia dos ladrões. O que é que os fez ter tanta certeza de que iam conseguir? Era coincidência a mais.

Olhou para o relógio. Não tinha muito tempo antes da chegada da carrinha da cena do crime.

Andou ágil e metodicamente pelas divisões da casa, observando sem tomar apontamentos. Aprendera que os apontamentos se viram sempre contra nós. Todas as divisões tinham sido vistas. O trabalho estava concluído. Numa das divisões, havia uma série de caixas por empacotar e papel espalhado pelo chão. Apanhou do chão um pedaço; uma espécie de guia de remessa, com data de há um mês atrás, para tachos e painéis franceses e facas alemãs e japonesas no valor de vinte e quatro mil dólares. Será que o gajo ia abrir um restaurante?

No quarto, na parte de trás de um grande roupeiro, encontrou uma enorme porta de aço, semiaberta.

– Forte Knox – disse Fenton.

Barnaby acenou com a cabeça. Com uma casa cheia de quadros que valiam milhões de dólares, aquilo fê-lo pensar no que seria assim tão valioso que tinha de ser guardado num cofre.

Sem tocar na porta, esgueirou-se lá para dentro. O cofre estava vazio, à parte algum lixo espalhado pelo chão e uma série de estojos de mapas de madeira. Surripiando o seu lenço, usou-o para abrir uma gaveta. O veludo apresentava marcas dos sítios onde os objectos em tempos se haviam alojado. Fê-la deslizar para a fechar e virou-se para a porta em si, fazendo um rápido exame à fechadura. Não havia sinais de entrada forçada. Também nenhum dos estojos trancados que vira nas divisões tinha sido forçado.

– Os bandidos tinham todos os códigos e chaves – disse Fenton.

Barnaby acenou com a cabeça. Isto não era nenhum assalto.

Foi lá fora e fez uma ronda rápida aos jardins. Pareciam negligenciados. Estavam a crescer ervas daninhas. Nada tinha sido tratado. A relva não era cortada há um par de semanas. Tudo aquilo tinha um ar desmazelado.

A negligência, parecia-lhe a ele, remontava a mais tempo do que as duas semanas que se tinham passado desde o dito assalto. Aquilo parecia estar a deteriorar-se há um mês ou dois.

Se o seguro estava envolvido, os filhos também estavam. Se calhar.

3

Encontrou-os à sombra de um pinheiro, de braços cruzados, silenciosos e sorumbáticos. Quando Barnaby se aproximou, o tipo de fato perguntou:

– Descobriu alguma coisa?

– Tipo o quê?

O homem franziu o sobrolho. – O senhor faz ideia do que foi roubado aqui? Estamos a falar de centenas de milhões. Deus santíssimo, como é que alguém esperava safar-se com isto? Algumas destas obras de arte são *mundialmente famosas*. Há um Filippo Lippi que, só por ele, vale quarenta milhões de dólares. Provavelmente, vão a caminho do Médio Oriente ou do Japão. Tem de chamar o FBI, contactar a Interpol, mandar fechar os aeroportos...

Parou para recuperar o fôlego.

– O tenente Barnaby tem algumas perguntas – disse Fenton, assumindo o papel que ele desempenhava tão bem, com a voz curiosamente alta e suave, em tom de ameaça subliminar. – Digam os vossos nomes, por favor.

O das botas de *cowboy* deu um passo em frente. – Chamo-me Tom Broadbent e estes são os meus irmãos, Vernon e Philip.

– Oiça, senhor agente, – disse o que se chamava Philip – estas obras de arte estão obviamente destinadas ao quarto de um xequo qualquer. Eles nunca poderiam esperar vender estes quadros no mercado aberto – são demasiado conhecidos. Sem ofensa, mas não me parece *realmente* que a polícia de Santa Fé esteja equipada para lidar com isto.

Barnaby abriu o bloco de notas e olhou para o relógio. Ainda tinha quase trinta minutos antes de a carrinha do laboratório criminal chegar de Albuquerque.

– Posso fazer algumas perguntas, Philip? Não se importam que os trate pelo nome próprio?

– Tudo bem, mas despache-se com isso.

– Idades?

– Eu tenho trinta e três – disse Tom.

– Trinta e cinco – disse Vernon.

– Trinta e sete – disse Philip.

– Digam-me, como é que se deu o caso de vocês estarem todos aqui ao mesmo tempo? – Dirigiu o olhar ao tipo Nova Era, Vernon, aquele que parecia ser o mentiroso menos competente.

– O nosso pai enviou-nos uma carta.

– A dizer o quê?

– Bem... – Vernon olhou para os irmãos com nervosismo. – Ele não disse.

– Algum palpite?

– Nem por isso.

Barnaby desviou o olhar. – Philip?

– Não faço a mínima ideia.

Virou o olhar para o outro, Tom. Achou que gostava da cara de Tom. Não era uma cara de tretas. – Então, Tom, quer dar-me aqui uma ajuda?

– Acho que era para falar connosco sobre a nossa herança.

– Herança? Que idade tinha o vosso pai?

– Sessenta.

Fenton inclinou-se para a frente para interromper com uma voz rígida. – Ele estava *doente*?

– Sim.

– *Muito* doente?

– Estava a morrer de cancro – disse Tom com frieza.

– Lamento – disse Barnaby, pousando um braço restritivo sobre ele, como que para o impedir de fazer mais perguntas inconvenientes. – Algum de vocês tem uma cópia da carta?

Todos os três apresentaram a mesma carta, escrita à mão, em papel marfim. Barnaby achou interessante que cada um deles tivesse a sua cópia. Dizia algo sobre a importância que davam a este encontro. Barnaby pegou numa e leu-a:

«Querido Tom,

Quero que venhas à minha casa em Santa Fé, no dia 15 de Abril, às 13h em ponto, por causa de um assunto muito importante que afecta o teu futuro. Também convidei o Philip e o Vernon. Junto remeto dinheiro para pagar a tua viagem. Por favor, chega a horas: uma hora em ponto. Faz este último obséquio ao teu velhote.

Pai»

– Há alguma hipótese de recuperação do cancro, ou estava condenado? – perguntou Fenton.

Philip olhou fixamente para Fenton e depois virou-se para Barnaby. – Quem é este homem?

Barnaby disparou um olhar de aviso a Fenton, que se descontrolava frequentemente. – Aqui estamos todos do mesmo lado, a tentar resolver este crime.

– Pelo que sei, – disse Philip de má vontade – não havia hipótese de recuperação. O nosso pai submetera-se a tratamentos de radioterapia e quimioterapia, mas o cancro metastizara e não havia maneira de se livrar dele. Ele recusou mais tratamentos.

– Lamento – disse Barnaby, tentando, sem sucesso, reunir um pouco de solidariedade. – Voltando à carta dele, diz aqui qualquer coisa sobre dinheiro. Quanto dinheiro continha?

– Mil e duzentos dólares em dinheiro vivo – disse Tom.

– Em *dinheiro vivo*? Sob que forma?

– Doze notas de cem dólares. Enviar dinheiro daquela maneira era típico do pai.

Fenton voltou a interromper. – Quanto *tempo* tinha ele de vida? – Fez esta pergunta directamente a Philip, atirando a cabeça para a frente. A cabeça de Fenton era uma cabeça feia, muito estreita e afilada, com sulcos grossos nas sobrancelhas, olhos profundos, um enorme nariz, no qual cada narina projectava um tufo de pêlos negros, dentes tortos e acastanhados e queixo metido para dentro. Tinha pele de azeitona; apesar do nome anglo-americano, Fenton era um hispânico da cidade de Truchas, no cimo das Montanhas Sangre de Cristo. Era assustador, se não se soubesse que ele era o homem mais bondoso do mundo.

– Cerca de seis meses.

– Então, ele convidou-vos a vir aqui para quê? Para fazer um pequeno um-dó-li-tá com as suas coisas?

Fenton podia ser horrível quando queria. Mas o homem conseguia resultados.

Philip disse de forma gelada: – É uma maneira encantadora de colocar a questão. Suponho que é possível.

Barnaby interrompeu suavemente. – Mas com uma colecção como esta, Philip, não teria ele feito preparativos para a deixar a um museu?

– Maxwell Broadbent *detestava* museus.

– Porquê?

– Os museus haviam tomado a dianteira na crítica às práticas de colecção pouco ortodoxas do nosso pai.

– Que eram?

– Comprar obras de arte de proveniência dúbia, negociar com ladrões e saqueadores de túmulos, contrabandear antiguidades pelas fronteiras. Ele próprio roubava túmulos. Consigo perceber a antipatia dele. Os museus são bastiões de hipocrisia, ganância e cupidez. Criticam em todos os outros os

mesmos métodos que eles próprios empregaram para conseguirem as suas colecções.

– Então e deixar a colecção a uma universidade?

– Ele odiava académicos. Tweedledums e Tweedledees em fatos de *tweed*, chamava-lhes ele. Os académicos, em especial os arqueólogos, acusaram Maxwell Broadbent de saquear templos na América Central. Não estou aqui a revelar nenhum segredo de família: é uma história bem conhecida. Pode agarrar em praticamente qualquer exemplar da revista *Arqueologia* e ler sobre como o nosso pai era a versão deles da encarnação do diabo.

– Ele estava a planear vender a colecção? – prosseguiu Barnaby.

Philip enrolou o lábio com desprezo. – Vender? O meu pai teve de lidar com casas leiloeiras e negociantes de arte a vida inteira. Preferia ser cortado aos pedaços do que consignar-lhes sequer uma gravura medíocre para venda.

– Então ele planeava deixar tudo a vocês os três?

Fez-se um silêncio constrangedor. – Era isso – disse Philip finalmente – que supúnhamos.

Fenton interrompeu. – Igreja? Mulher? Namorada?

Philip tirou o cachimbo dos dentes e, numa imitação perfeita do estilo sincopado de Fenton, respondeu-lhe: – Ateu. Divorciado. Misógino.

Os outros dois irmãos desataram a rir. Hutch Barnaby até deu por si a gostar do desconforto de Fenton. Era tão raro alguém levar a melhor sobre ele durante um interrogatório. Este personagem, Philip, apesar de pretensioso, era rijo. Mas havia alguma coisa triste no rosto longo e inteligente, alguma coisa perdida.

Barnaby exibiu a guia de remessa para o embarque dos utensílios de cozinha. – Fazem alguma ideia do que isto é ou de para onde terão ido as coisas?

Eles examinaram-na, abanaram a cabeça e devolveram-na. – Ele nem gostava de cozinhar – disse Tom.

Barnaby guardou o documento no bolso. – Falem-me do vosso pai. Aparência, personalidade, carácter, negócios, esse tipo de coisas.

Foi Tom quem voltou a falar. – Ele é... único no género.

– Como assim?

– É um homem gigantesco fisicamente, um metro e noventa e oito, em forma, atraente, ombros largos, sem sinal de flacidez, cabelo e barba brancos, rijo como um leão e com uma voz rugidora a condizer. As pessoas dizem que ele se parece ao Hemingway.

– Personalidade?

– É o tipo de homem que nunca está errado, que passa por cima de tudo e todos para conseguir o que quer. Vive de acordo com as suas próprias

regras de vida. Nunca acabou o liceu mas sabe mais de arte e arqueologia do que a maioria dos doutorados. Coleccionar é a sua religião. Despreza as crenças religiosas das outras pessoas, e essa é uma das razões porque tira tanto prazer do facto de comprar e vender coisas roubadas de túmulos – e de ele próprio roubar túmulos.

– Conte-me mais sobre este roubo de túmulos.

Desta vez, falou Philip. – Maxwell Broadbent nasceu numa família da classe trabalhadora. Foi para a América Central quando era novo e desapareceu na selva durante dois anos. Fez uma grande descoberta, roubou um templo maia qualquer e contrabandeou as coisas para cá. Foi assim que começou. Negociava em arte e antiguidades de origem questionável – tudo, desde estátuas gregas e romanas desaparecidas misteriosamente da Europa, a relevos dos khmer retirados de templos funerários do Camboja, até quadros roubados em Itália durante a guerra. Ele não negociava para ganhar dinheiro mas sim para financiar a sua própria colecção.

– Interessante.

– Os métodos de Maxwell – disse Philip – eram, de facto, a única maneira de uma pessoa hoje em dia poder adquirir arte verdadeiramente boa. Provavelmente, não havia uma única peça na sua colecção que estivesse limpa.

Vernon falou: – Uma vez, ele roubou um túmulo que encerrava uma maldição. Ele falava disso nos cocktails.

– Uma maldição? O que é que dizia?

– Qualquer coisa como «Aquele que perturbar estes ossos será esfolado vivo e dado a comer a hienas doentes. E, depois, uma récula de burros copulará com a sua mãe.» Ou outras palavras que faziam o mesmo efeito.

Fenton deixou escapar uma gargalhada.

Barnaby lançou-lhe um olhar de aviso. Dirigiu a pergunta seguinte a Philip, agora que conseguira que o homem falasse. Era engraçado como as pessoas gostavam de queixar-se dos pais. – O que é que o motivava?

Philip franziu o sobrolho, enrugando a grande testa. – Era assim. Maxwell Broadbent amava mais a sua *Madonna* de Lippi do que qualquer mulher verdadeira. Amava mais o seu retrato de Bronzino de Bia de Medici do que qualquer um dos seus filhos verdadeiros. Amava mais os seus dois Braques, o seu Monet e as suas caveiras de jade maias do que as pessoas verdadeiras da sua vida. Venerava mais a sua colecção de relicários franceses do século XIII que alegadamente continham ossos de santos do que qualquer santo verdadeiro. As suas colecções eram as suas amantes, os seus filhos e a sua religião. Era isso que o motivava: coisas belas.

– Nada disso é verdade – disse Vernon. – Ele amava-nos.

Philip bufou de escárnio.

– Diz que ele se divorciou da vossa mãe?

– Refere-se às *nossas mães*? Ele divorciou-se de duas delas, enviuvou da outra. Houve também mais duas mulheres com quem não teve filhos e uma série de namoradas.

– Alguma discussão sobre pensão de alimentos? – perguntou Fenton.

– Naturalmente – disse Philip. – Pensão de alimentos, pensão de sobrevivência, nunca acabava.

– Mas ele criou-vos sozinho?

Philip fez uma pausa e depois disse: – À sua maneira muito própria, sim.

As palavras pairaram no ar. Barnaby ficou a pensar que tipo de pai teria ele sido. Era melhor concentrar-se no que era importante: estava a ficar sem tempo. A rapaziada das Operações Especiais devia estar a chegar a qualquer momento, e, nessa altura, ele teria sorte se voltasse a pisar a cena do crime.

– Alguma mulher na vida dele agora?

– Só para propósitos de uma leve actividade física à noite – disse Philip. – Ela não vai ficar com nada, asseguro-lhe.

Tom interrompeu. – Acha que o nosso pai está bem?

– Para ser sincero, não vi aqui nenhum indício de assassinato. Não encontramos nenhum corpo na casa.

– Poderão tê-lo raptado?

Barnaby abanou a cabeça. – Não é provável. Para quê lidar com um refém? – Olhou para o relógio. Faltavam cinco, talvez sete minutos. Altura de fazer a pergunta. – Ele tinha seguro? – Fez com que soasse o mais casual possível.

Um olhar sombrio atravessou o rosto de Philip. – Não.

Nem Barnaby conseguiu esconder a sua surpresa. – *Não?*

– No ano passado, tentei fazer um seguro. Ninguém cobriria a colecção enquanto ela fosse mantida nesta casa com esta segurança. Pode ver por si mesmo como este lugar é vulnerável.

– Porque é que o seu pai não melhorou a segurança?

– O nosso pai era um homem muito difícil. Ninguém lhe podia dizer o que fazer. Ele tinha imensas armas dentro de casa. Acho que pensava que conseguia combatê-los, ao estilo do Velho Oeste.

Barnaby remexeu nos seus apontamentos e voltou a olhar para o relógio. Estava perturbado. As peças não estavam a encaixar-se. Ele tinha a certeza de que não se tratava de um simples assalto, mas, sem seguro, para quê roubar-se a si próprio? Depois havia a coincidência da carta para os filhos, a

convidá-los para um encontro neste preciso momento. Recordou a carta... «um assunto muito importante que afecta o teu futuro... muito desiludido se não vieres...». Havia algo de sugestivo na escolha de palavras.

– O que é que havia no cofre?

– Não me diga que também conseguiram entrar no cofre! – Philip deu uma pancada no seu rosto suado com a mão a tremer. O fato perdera o vigor, e a desolação no seu rosto parecia genuína.

– Sim.

– Oh, meu Deus. Continha pedras preciosas, jóias, ouro da América do Sul e Central, moedas e selos raros, tudo extremamente valioso.

– Os ladrões pareciam ter a combinação do cofre, bem como as chaves de tudo. Faz alguma ideia de como?

– Não.

– O seu pai tinha alguém de confiança – um advogado, por exemplo – que pudesse ter um segundo conjunto de chaves ou soubesse a combinação do cofre?

– Ele não confiava em ninguém.

Este era um ponto importante. Barnaby olhou para Vernon e Tom.
– Concordam?

Ambos acenaram com a cabeça.

– Ele tinha alguma criada?

– Tinha uma mulher que vinha todos os dias.

– Jardineiro?

– Um homem a tempo inteiro.

– Mais alguém?

– Dava trabalho a uma cozinheira a tempo inteiro e a uma enfermeira que passava por cá três dias por semana.

Nesta altura, Fenton interrompeu, inclinando-se para a frente e sorrindo daquela sua maneira feroz. – Importa-se que eu lhe faça uma pergunta, Philip?

– Se tiver de ser.

– Porque é que está a falar do seu pai no passado? Sabe alguma coisa que nós não sabemos?

– Oh, por amor de Deus! – explodiu Philip. – Quem é que me livra deste Sherlock Holmes frustrado?

– Fenton? – murmurou Barnaby, lançando-lhe um olhar de advertência.

Fenton olhou para cima, viu o ar de Barnaby e ficou de cara no chão.
– Peço desculpa.

Barnaby perguntou. – Onde é que eles estão agora?

– Eles quem?